



GT 81. Dimensões políticas da Antropologia do Esporte: legados dos estudos de Simoni Lahud Guedes

Coordenador(es):

José Ronaldo Mendonça Fassheber (UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná)

Em 1977 Simoni Lahud Guedes defende sua dissertação de mestrado no Museu Nacional (UFRJ) intitulada "Futebol Brasileiro: instituição zero". Tal pesquisa inaugura, na Antropologia, os estudos sobre futebol e prenuncia, evidentemente, um inédito campo de Antropologia do Esporte no país. Apesar do trabalho citado não ter sido publicado na íntegra, direta ou indiretamente influenciou, em anos subsequentes, professoras/es e pesquisadoras/es, que se lançaram em pesquisas sobre o futebol e seus elementos constitutivos e sobre problemáticas desta nova subárea de conhecimento. A partir deste cenário instituído e da importância crescente que ganha o esporte enquanto objeto de análise na atualidade, o objetivo deste GT é resgatar o legado de uma produção antropológica sobre esportes, que possa dar conta da envergadura e da importância dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em âmbito regional/nacional (e também em comparação com América Latina) nas temáticas discutidas na produção acadêmica da Simoni Guedes, nos últimos 40 anos: antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, políticas públicas esportivas no Brasil e/ou na América Latina, e estudos antropológicos de práticas esportivas. Para tanto, o GT aceitará pesquisas concluídas ou em andamento, de mestrado, doutorado ou pós-doutorado vinculadas de alguma maneira a tais temáticas.

SOBRE A METONÍMIA DA METONÍMIA: implicações da Antropologia do esporte de Simoni Lahud Guedes para o debate sobre relação estrutura e evento

Autoria: Caio Cesar Cerpa Madeira (secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro), Wecisley Ribeiro do Espírito Santo

O derradeiro artigo publicado por Simoni Lahud Guedes constitui um genuíno grand finale para sua prodigiosa obra. Ao oferecer um aporte iluminado para a compreensão do quase ilegível cenário político brasileiro hodierno, a antropóloga ratifica a vocação pública de seu work. A descrição que ali se encontra de um ?segundo sequestro? das cores verde e amarela ? associadas de modo mais enfático à camisa da seleção brasileira de futebol que propriamente à bandeira nacional ? remonta à categoria interpretativa das mais potentes, elaboradas por Simoni: qual seja, a função metonímica do selecionado futebolista em sua relação com o povo brasileiro. O ?primeiro sequestro? teria sido perpetrado por ocasião da ditadura civil-militar instalada no país em 1964, quando o ?football mulato? descrito por Gilberto Freyre seria espetacularizado para servir de cortina de fumaça à usurpação da democracia. O símbolo verde e amarelo sofre hoje novo raptio, pela mesma elite escravista; eis a chave interpretativa de Simoni. Quebra-se com isso a metonímia seleção brasileira = ?povo?, na medida em que a camisa da equipe futebolística é apropriada por um segmento específico que visa, antes de tudo, se distinguir do segundo termo da equação. O presente artigo visa debater esta descrição histórica elaborada pela pioneira antropóloga do futebol a partir de seu caráter estrutural. Argumenta-se que a função metonímica do futebol brasileiro, em particular, é ela mesma uma metonímia do fenômeno esportivo, em geral. Apresenta-se para isso, material empírico registrado por meio de work de campo etnográfico, sobre o pano de fundo mais geral dos estudos antropológicos do esporte. O objetivo é demonstrar, de um lado, que a segmentaridade da organização esportiva constitui um caso particular da natureza segmentar da vida social e, de outro, que precisamente por isso, a política é tanto mais homóloga ao esporte quanto mais enfáticas as emoções em jogo nos conflitos sociais. Lévi-Strauss diz



acerca de Mauss que este teria estacionado diante das imensas possibilidades de sua obra, como Moisés teria conduzido o povo hebreu à terra prometida sem, contudo, contemplar seu esplendor. O fechamento da obra de Simoni sugere que ela foi capaz de olhar longe, tendo vislumbrado a centralidade da metonímia esportiva para o estudo de um país que, como se sabe, ?não é para principiantes?. Ao fazer da Antropologia do esporte um capítulo indispensável da Antropologia da política, Simoni Lahud Guedes assemelha-se antes a Josué que a Moisés. Ela não apenas adentrou a terra prometida das implicações de sua obra como pode, ainda por muitos anos, nos ensinar formas múltiplas de ocupá-la.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: